Fotos: Iano Andrade/CB



COMANDANTE DO BARCO E PROFESSOR DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL, TUPAC PETRILLO (D)
DÁ EXPLICAÇÕES SOBRE A BACIA HIDROGRÁFICA DO PARANOÁ E A IMPORTÂNCIA DA PRESERVAÇÃO

Como é bom estudar no lago!

Alunos da rede pública têm aulas sobre os recursos ambientais e sua preservação a bordo de um barco, pelas águas do Paranoá

ISABEL FLECK
DA EQUIPE DO CORREIO

O barco virou sala de aula. Para 50 alunos do curso de aceleração da Escola Classe Vila Areal, ontem foi dia de aprender de uma maneira bem mais divertida. A bordo de uma embarcação usada para eventos, os jovens, que têm entre 13 e 17 anos, viram de perto tudo o que já tinham ouvido na escola. Receberam informações sobre o Lago Paranoá, o cerrado e o ciclo da água na natureza, mas de um jeito diferente. A intenção é que as imagens fiquem na memória de cada aluno e sirvam para ilustrar outras lições sobre educação ambiental.

O Barco-Escola teve início em agosto deste ano, após um acordo realizado entre a UnB, a Secretaria de Educação e o Ministério Público do Distrito Federal (MPDFT), que abriu concorrência para desenvolver projetos com recursos provenientes de multas por crime ambiental. A idéia vencedora é do professor da Faculdade de Tecnologia Paulo Celso dos Reis Gomes. Mais de 600 alunos do Programa de Aceleração da Aprendizagem das escolas públicas do Recanto das Emas e de Taguatinga já participaram do programa. Cerca de 200 estudantes ainda devem fazer o passeio até o fim do ano.

A viagem de quase duas horas começa no píer do clube da Asbac e vai até a ponte JK, de onde o barco retorna. Durante o trajeto, os alunos assistem a um documentário sobre o destino do lixo, têm aulas sobre a construção do lago e a bacia hidrográfica do Paranoá e compreendem a importância de economizar a água. O conteúdo é passado pelo professor Paulo Celso e pelo comandante do barco, Tupac Petrillo, que também é professor de educação ambiental.

A maioria dos alunos da Escola Classe Vila Areal nunca tinha passeado de barco pelas águas do Paranoá. Muitos deles nunca tinham nem visto o lago de perto. "As explicações aqui são diferentes, porque a gente vê tudo o que eles falam em sala. Dá mais vontade de aprender", afirma a estudante Laiane Oliveira de Souza, 15. Para o colega Gilson Pedro Pereira, 15, a oportunidade de ter aula num espaço novo também desperta o gosto pelo estudo. "A diferença é que eles mostram onde é que está sujo, o que não podemos jogar na água. Muita gente joga papel, latinha, saco plástico na beira do lago", explica Gilson.

De acordo com a professora de História da turma, Sudely Alves, o passeio também serviu para que muitos alunos comparassem a realidade deles com a que viram. "Muitos me perguntaram por que aqui tem tanta água e lá no Areal falta. Mas expliquei que temos de nos conscientizar para desperdiçar cada vez menos, senão podemos ficar sem água", conta Sudely. Durante a aula no barco, os alunos descobriram que em Taguatinga, onde moram, a média de consumo de água diário é de 350 litros por habitante. A Organização Mundial de Saúde (OMS) estipula que 200 litros por pessoa é suficiente. "Agora vou começar a economizar. Eu lavo a calçada da minha casa quase todo dia, mas vou diminuir para não faltar no futuro", afirma a aluna Edirene Teixeira da Rocha, 15. Ela confessa que também consome muito mais água do que precisa durante o banho de meia hora: "Não costumo desligar o chuveiro".



FALTA DE ÁGUA É UM DOS TEMAS. "VOU ECONOMIZAR", DIZ EDIRENE (E)

Injustiça

A aula no barco despertou outros questionamentos. A estudante Claudinéia Esteves, 14, queria saber por que algumas casas do Lago Sul podiam ocupar a orla. "Tem muita injustiça. Se não pode invadir assim, porque deixam? Quando a invasão é de barraco, eles derrubam", compara a adolescente, que viu as águas do Paranoá pela primeira vez. "Quem não tem dinheiro para ir ao clube, não tem onde aproveitar o lago, porque não tem acesso", diz Claudinéia.

O projeto, iniciado em agosto deste ano, foi dividido em quatro etapas. A primeira consistiu numa aula sobre consumo de água e a bacia hidrográfica no Paranoá, ministrada pelo próprio professor Paulo nas próprias escolas. O passeio com o barco foi o segundo passo. "Aqui eles podem ver e assimilar o que aprenderam na escola. Ficam muito mais interessados", afirma Paulo. Depois do Lago Paranoá, é a vez da visita à Estação de Tratamento de Esgotos (ETE) Melchior, onde técnicos da Caesb mostram aos estudantes o que acontece com o esgoto do DF.

A última etapa do projeto envolve a prática. Com o apoio do grupo da UnB, os alunos participam de mutirões de limpeza pela cidade. Os jovens do Recanto das Emas, que entraram primeiro no projeto, participaram do mutirão que ocorreu em vários países simutaneamente, *Clean Up the World* (Limpar o mundo), no dia 23 de setembro, ajudando a retirar cerca de duas toneladas de lixo das margens do lago. As próximas atividades, no entanto, devem ser realizadas em lugares que fazem parte do cotidiano dos jovens. "Queremos que eles participem de mutirões também na cidade onde moram", explica Paulo.

O QUE ELES APRENDERAM

✓ A Barragem do Paranoá, que deu origem ao lago, começou a ser construída em 1956. O lago ficou pronto em 1960

✓ Cerca de 42 quilômetros de áreas do cerrado foram inundadas para fazer o Lago Paranoá. O volume de água chega a 560 milhões de metros cúbicos

✓ A extensão total do lago, desde a Ponte do Bragueto até a ponta sul, próximo à estação de tratamento de esgoto da Caesb (ETE Sul), é de 42km

✓ A profundidade média do Lago Paranoá é 12m. Em sua parte mais funda, é possível atingir 38m

✓ O Paranoá está situado a mil metros acima do nível do mar

✓ Os animais presentes no ecossistema da Bacia do Paranoá são o jacaré, a sucuri, a capivara, a ariranha e várias espécies de peixes e aves aquáticas, como a garça e o mergulhão

✓ Os principais córregos que abastecem o lago são: do Torto, Cabeça-de-Veado, Guará, das Antas, Sucuri e Bananal

✓ É possível nadar nas águas do Paranoá, devido ao intenso trabalho de despoluição realizado desde 1974 no lago